



Passos¹

Andrew Moutu²
Tradução: Janaina Tatim

Há muitos deles.
Cada um com suas inúmeras histórias.
Com frequência, estão à frente de nós, talhando uma marca de separação.
Delineando um caminho, estabelecendo um legado ou marcando uma reputação.

Um bom legado cria uma montanha de inspiração e um vale de emulação.
Um legado negativo é repulsivo, impõe cautela e que seja evitado completamente.
Eles estão à frente e ao nosso redor.

Você ouve seus sons conforme eles roçam uma superfície
Tique-taque, tique-tique, andar felino, estalando, clepete-clepe, esmagando, batendo, baque
Na ponta dos pés, caminhando, correndo, saltitando, arrastando.

Aquele que vê um passo ou ouve o som de um está ou entre, ou perto dos outros dois.
Em tempo, há passos que vêm atrás dos seus.

Pela acústica de suas passadas, anunciam um encontro iminente.
Um perigo à espreita é exposto ou uma operação secreta recua furtivamente.

Passos nunca estão sozinhos, eles sempre de dois fazem um.
Cada pé que se alterna é um passo para o nascimento do próximo.

1 Nota do editor: escrito em abril de 2020, “Passos” foi a resposta dada por Andrew Moutu, antropólogo e escritor nascido na Papua Nova Guiné, ao texto “Refletindo de volta”, escrito por Marilyn Strathern para compor o dossiê “A estética e os ameríndios, ou Strathern nas Américas: experimentos etnográficos com a forma das relações”. Moutu escreveu seu poema antes que Strathern concluísse seu artigo. Apesar disso, quando recebeu desta última o texto que enviou à Maloca, o autor considerou que seu poema dava uma *forma biográfica* às elaborações de Strathern, conectando-o àquelas relações que emparelham e que, ao fazê-lo, provocam movimentos e linhas de pensamento e ação. O poema é, nos termos em que Strathern usou para descrevê-lo, “uma resposta estética” a uma “troca estética”, evocando os dois sentidos do termo explorados pela autora. Além disso, a recíproca entre o texto de Strathern e o poema de Moutu pode ser pensada como uma experimentação com o “princípio da roda”, conforme proposto por Roy Wagner em *An Anthropology of the Subject*.

2 Diretor do Papua New Guinea National Museum & Art Gallery e Doutor em Antropologia pela Universidade de Cambridge. E-mail: amoutu72@gmail.com





Em passos largos e curtos, torção e força, pegadas formam uma linha em frente.
Parecido a uma sombra delineada pelo sol à frente de nós.

Passos não são meros carimbos que registram o peso de um apêndice bípede.
Porque feitos de dois, passos são como rodas que alavancam o mundo fora de nossos corpos.

A lateralidade bípede dos passos aproxima o mundo de nós, e nós do mundo.

Nós somos uma roda humana em pleno giro. Passos são as partes laterais das rodas dentro de nós, aquelas antes e depois de nós.

No teatro da vida, passos nos fazem ir à frente ou acompanhar o concerto, fundir e misturar, convergir ou divergir.

Divagamos nos cruzamentos e evitamos ou seguimos caminhos esculpidos pelos passos precedentes.

A vida de uma geração é um eixo da roda passando na assinatura de seus passos.

Ao reverberar as profundezas secretas do ser,

A visão e o som de passos são o epílogo para uma vida atravessada, mas vista desde a humilde posição de baixo dos calcanhares à frente.